



Arquivo

Chacel pede coerência

## 307 Chacel quer controle da base monetária

“Quebrar a espinha dorsal da inflação e retomar simultaneamente o crescimento é uma imagem retórica, de campanha eleitoral”, afirmou ontem, em São Paulo, o diretor de pesquisas do Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getúlio Vargas — Ibre —, Julian Chacel, após almoço na Câmara Italiana. Ele confirmou que a inflação este mês deve situar-se ao redor de 7,7 e 7,8%, puxada principalmente pelos hortigranjeiros e pelo custo da construção civil, já que grande parte dos demais custos está controlada pelo CIP. Nesse sentido, salientou que num curto prazo, nos próximos quatro a cinco meses, se não houver uma política monetária apertada, todo o controle de preços, inclusive com alguns congelamentos — que na sua opinião não podem perdurar por muito tempo —, terá sido em vão. É preciso, segundo Chacel, acompanhar rigorosamente os preços e também ter um controle rígido da base monetária.

Em seu pronunciamento sobre endividamento e crescimento, lembrou que o valor dos novos empréstimos supera o serviço da dívida. Portanto, o crescimento com endividamento externo só pode sustentar a partir de dois requisitos, segundo Chacel: o influxo financeiro externo sendo orientado para investimentos e não para financiamento de consumo e que a taxa interna de retorno dos empréstimos para financiamentos seja superior às taxas de ju-

ros internacionais. Mas, para que o crescimento seja prolongado, Chacel defende ainda uma expansão contínua das exportações; a distribuição escalonada da dívida externa ao longo do tempo; e a acumulação de reservas cambiais em três ou quatro meses das exportações.

O diretor do Ibre lembrou que o desempenho da economia brasileira em 84, que trouxe os sinais de recuperação e de retomada do emprego, deveu-se, em grande parte, às exportações, principalmente em função do crescimento superior a 6% da economia norte-americana. As previsões para este ano, no entanto, são mais modestas, tanto a economia dos Estados Unidos deve crescer apenas ao redor de 2,5%, como as taxas de crescimento dos países europeus também ficarão inferiores às de 84.

Dentro desse panorama, Chacel salientou que desde 1983 os esquemas adotados levam a uma transferência real de recursos ao Exterior, porque o fluxo novo de recursos financeiros é inferior ao serviço da dívida. Compromete-se com isso, em sua opinião, o crescimento interno. Além disso, os saldos comerciais necessários para transferir esses recursos são consequência de um grande esforço de exportação e da compressão das importações, o que reduz a disponibilidade de bens e serviços, tornando-se inflacionária. Assim, Chacel adverte que é “indispensável ao País ter um processo de renegociação da dívida externa com uma política econômica coerente”. Isso implica em uma melhor renegociação, com diferentes prazos de pagamento; redução dos encargos financeiros; e melhor spread, o que teria efeito salutar sobre o ritmo de crescimento do País.

Enquanto essa renegociação não é alcançada — e Chacel prevê uma demora no processo — seria preciso outra forma que garanta o crescimento. Chacel propõe uma política de investimentos capaz de recuperar parcialmente o crescimento do País, que tivesse como critério fundamental algumas diretrizes: a análise dos pontos de estrangulamento da economia; projetos de investimentos de tempo rápido de maturação (pois acha que o recrudescimento da inflação deve-se, em grande parte, aos investimentos de longo prazo) e também investimentos de baixo coeficiente de dependência de importações.

Dessa forma, o crescimento imediato da economia brasileira, segundo Chacel, depende muito mais da mobilização da poupança interna. O País, segundo ele, não pode continuar dependendo da conjuntura internacional que favoreça os investimentos no Brasil, pois é hora de resolvemos os nossos próprios problemas.